

Contrabando leva toneladas de ouro Yanomami

Novo Eldorado fica em Roraima e autoridades não conseguem conter invasão dos garimpeiros

Boa Vista — O Eldorado existe. E fica em Roraima. Ou, mais precisamente, dentro de parte dos mals de nove milhões de hectares de terra pretendidos pela Funai para o grupo indígena Yanomami. E exatamente com destino às pistas de pouso clandestinas, localizadas nas proximidades do Posto Indígena de Paa-Piú, pertencente à Fundação Nacional do Índio, que se dirigem às pistas de garimpeiros em busca do ouro que aflora com facilidade naquela região. A própria pista de Paa-Piú está sendo utilizada pelos garimpeiros em suas empreitadas, num tráfego aéreo tão intenso que, mal uma aeronave livra a pista, outra já se encontra decolando.

O incremento no número de aeronaves procedentes de outras unidades da Federação dá a exata medida desta nova corrida do ouro em pleno século XX. Os 18 aviões que ficavam baseados em Boa Vista, segundo o DAC, realizavam uma média de quatro a cinco decolagens a cada dia. Hoje, há perto de 130 aeronaves nos céus de Roraima, elevando em mais de 10 vezes a média do número de decolagens só no aeroporto de Boa Vista.

O sargento Aldenor, responsável pelo DAC, assegura que em menos de um mês mais de 90 novas aeronaves chegaram a Roraima. Aviões acostumados à atividade de garimpo, que

já garantiram ao DAC multo trabalho: cerca de 70 autorizações foram efetuadas pelo setor nas aeronaves e, no dia 12 de fevereiro, 97 aviões foram interditados no solo. Destes, até 19 de fevereiro, apenas 37 haviam sido liberados. "E uma situação tão complicada que, só para dar uma idéia, acabaram nossos formulários de autorização" — garante o suboficial, empenhado na execução de uma operação padrão nas aeronaves.

O problema é ainda maior quando se leva em consideração o fato de que boa parte das aeronaves operando em Roraima rumo aos garimpos parte de pistas de pouso clandestinas não-homologadas pelo DAC. O motivo: em Boa Vista, a venda de combustível para aeronaves está restrita à modalidade "na boca do tanque". Ou seja: os pilotos não podem adquirir gasolina sem que seja para voo específicos, destinados a aerôdromos homologados.

O representante da Shell no aeroporto, Genário de Souza, contente com o incremento nas vendas que saltaram de 15/20 mil litros/mês para 90/100 mil litros/mês garante que tanto sua concessionária quanto a Petrobrás sofreram, durante o período do carnaval, falta de combustível devido à grande procura, por parte dos pilotos.

Isto, porém, não impede que as aeronaves contínuem seguindo para a área

de Pa-Piú. O grande número de pistas clandestinas, com estoques de combustível proveniente até mesmo de ontem estados, garante abrigo e gasolina aos aventureiros. Políticos locais interessados no ouro patrocinam algumas destas pistas de pouso e, nas fazendas da região, é absolutamente impossível manter o controle da situação.

Além de aviões, helicópteros também estão sendo utilizados. Apenas um dos "empresários" do garimpo alugou, em São Paulo, dois helicópteros que utiliza, junto com aviões, no transporte de suprimentos para os garimpeiros. Com excelente manobrabilidade, apto a efetuar pousos em pequenas clareiras, o helicóptero é a pedra de toque nas ações de garimpo mais afastadas de Paa-Piú, onde não existem campos de pouso.

O Posto de Vigilância que a Funai instalou conjuntamente com o governo do Território de Roraima em Paa-Piú — cujo destacamento de um cabo e três soldados é absolutamente incapaz de impedir o fluxo de garimpeiros — restringe-se a dar buscas na bagagem dos invasores à procura de armas, drogas ou bebidas.

Situado a cerca de uma hora e vinte minutos de voo de Boa Vista, na radial 280, Paa-Piú é hoje um movimentado suporte para as operações de garimpo. De um lado da pista, os garimpeiros acampam enquanto aguardam transporte ou suprimentos para adentrar na mata. Do outro lado, a maloca do Tuxaua Brito Yanomami, cada dia mais irredimível com a presença dos garimpeiros que, passando nas proximidades de sua maloca, não deixam em paz os índios.

O administrador regional da Funai em Boa Vista, Esmeraldino da Silva Neves dá a exata medida da preocupação da Fundação Nacional do Índio com relação à presença dos garimpeiros na área Yanomami: "A ação destes homens somente leva prejuízo para os índios e, embora a Funai tenha poder de polícia nas áreas de indígenas, nós não temos efetivos policiais para impedir a entrada de garimpeiros. Estamos contando com a boa vontade do governo do Território que recebe dinheiro da Funai, proveniente do Calha Norte, exatamente para impedir a entrada de novos garimpeiros nesta região".

O presidente da Funai, Romero Jucá Filho, extremamente preocupado com a possibilidade de prejuízos incontabilizáveis para os índios, está enviando esta semana um dossiê ao ministro da Justiça, Paulo Brossard, ao ministro do Interior, João Alves e ao Conselho de Segurança Nacional, mostrando a situação da área Yanomami e defendendo a necessidade de uma ação conjunta e efetiva com vistas à normalização da área indígena o mais rapidamente possível.

Enquanto isso, o superintendente da Polícia Federal em Roraima, Daniel Norberto, não teme afirmar que o Posto de Vigilância não funciona. "Entram mulheres, armas e bebidas nesta área", assegura. E até mesmo tóxicos. Há cerca de uma semana, a PMRR encontrou perto de 10 quilos de maconha no Paa-Piú. "Os policiais aqui dão segurança para os garimpeiros, não para os índios", afirma.

Na realidade, com cinco minutos de voo pode-se atingir pelo menos três pistas de pouso novas, com suas cantinas, cassinos e mulheres. A PMRR, instalada apenas no Paa-Piú, estima que entre 60 e 100 pessoas cheguem diariamente à área. A população flutuante, na realidade, é muito grande. Em média, o mesmo número de pessoas que chegam a Paa-Piú equivale ao número que sai. Estima-se, atualmente, entre cinco e dez mil o número de garimpeiros na área.

Somente na última semana, duas novas pistas de pouso foram abertas na região e há mais de 50 clareiras onde os garimpeiros procuram ouro. O cabo Raimundo Pena, comandante do destacamento da PM no Paa-Piú, assegura que as pistas estão em pleno funcionamento. E as levadas de garimpeiros se sucedem para a região. A PM garante para cada grupo de garimpeiros que adentra em território indígena o direito ao porte de uma espingarda (de calibre 20 para baixo) e uma caixa de munição com 25 cartuchos.

Com idades variando dos 15 a mais de 60 anos, provenientes de todos os lugares do País — especialmente de Boa Vista e de outros garimpos na região amazônica — encantados pelas notícias do novo Eldorado, os garimpeiros chegam à área Yanomami em busca da fortuna.

Antônio Carlos Ferreira da Silva, 20 anos, é um deles. Chegou ao Paa-Piú na sexta-feira 12, véspera de Carnaval. Com os demais, pagou 25 gramas de ouro para ser transportado. Ou Cz\$ 25 mil. Está com um grupo composto por cerca de 10 homens que tentam a sorte na área indígena. Esta semana, ele e seus companheiros estão na mata, ultrapassando a gruta de Vando Preto, em busca do ouro, a mais de dois dias de viagem a pé partindo do Paa-Piú.

Semana passada, garante, um garimpeiro passou por Paa-Piú vindo da gruta com cerca de 25 quilos de ouro. Quase Cz\$ 40 milhões. Uma riqueza da qual o País não verá um tostão, uma vez que não existe nenhum controle sobre o ouro que sai da área indígena. Instaura-se a indústria do descalabro, onde o País é dilapidado em seu patrimônio e o ilícito é regido pela impunidade. Todos seguem o exemplo, na ânsia de ficar ricos.

O gaúcho Paulo Closs — proprietário de uma balsa instalada num rio dentro da área do garimpo — por exemplo, calcula que pelo menos uma tonelada de ouro sai dos garimpos instalados na área Yanomami todos os meses. Os comer-

ciantes de ouro em Boa Vista, porém, alegam adquirir uma média de 10 quilos por mês. Há, portanto, 900 quilos que simplesmente se evanescem como por mágica. Qualquer coisa perto de um bilhão de cruzados simplesmente desaparece sem deixar vestígios.

As doenças tropicais, porém, cobram um preço alto pela aventura do ouro. Em sua maioria, os garimpeiros sofrem das dores de cabeça, febre e vômitos provocados pela malária. Assistência médica inexistente. E os remédios são, literalmente, cobrados a peso de ouro. Aliás, não só os remédios. Tudo é negociado na base do ouro.

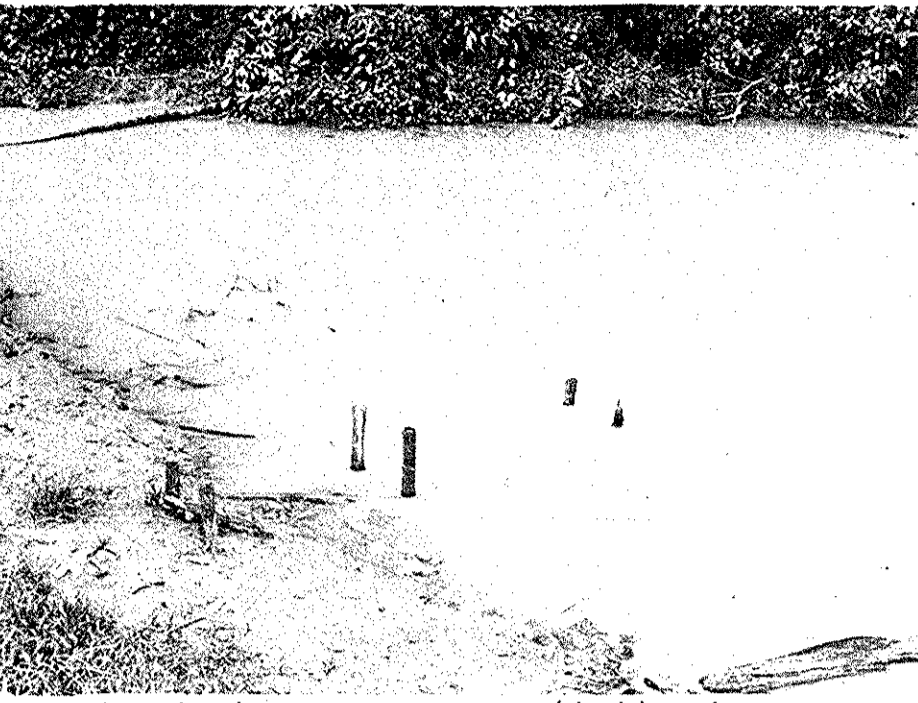
Quem lucra na história são os "empresários do garimpo", os intermediários, os donos de cantinas. É fácil perceber o porquê. Cigarros, arroz, farinha, gêneros alimentícios. Tudo custa um grama de ouro. As bebidas, apesar de proibidas, entram na área. Uma latinha de cachaca também custa um grama de ouro. Mulheres — também proibidas, já estão ali — são mais caras: entre cinco e dez gramas. E o sorro para malária atinge a cotação variável entre sete e oito gramas.

O tempo médio de estada de cada homem no garimpo, quando o garimpo é bom, pode estender-se até a quatro ou seis meses. "Quem manda é o garimpo", assegura Albinário Cândido de Souza, 30 anos, para quem "a coisa tá preta". Nos últimos trinta dias ele só conseguiu 20 gramas de ouro.

O pedreiro Alcides Gomes, 63 anos, porém, acha que os negócios vão bem. Trocou os mil cruzados diários que ganhava pela aventura do garimpo. E, em menos de dois meses, já conseguiu retirar mais de 300 gramas de ouro. Ficou com pouco mais de 100 gramas, pois o restante era do sócio. Gomes diz que naquela região praticamente não se usa mercúrio, uma vez que "o ouro é graúdo". Mas os rios vão ficando visivelmente poluídos, e o principal rio venezuelano, o Orinoco, tem suas cabeceiras em território Yanomami.

O ouro graúdo desperta a cobiça. E leva ao crime. E à morte. As leis do garimpo são severas. Um código de honra que deve ser respeitado ao custo da própria vida. José Rodrigues da Costa roubou 360 gramas de ouro de seu sócio. E fugiu. Quando lá para Boa Vista, o avião onde ele se encontrava teve que fazer um pouso em Paa-Piú. Costa foi reconhecido e preso. Teve sorte, por estar numa pista onde há policiamento.

O avanço dos garimpeiros pelo território indígena,



Ação dos garimpeiros, mesmo sem usar mercúrio, deixa as águas poluídas

das informações levantadas por eles é que o Governo Brasileiro determinará, definitivamente os contornos da área Yanomami, que será demarcada ainda no decorrer deste ano.

Esta, aliás, é a única solução para o problema do garimpo na área dos Yanomami. A demarcação das terras indígenas, que já variaram de quatro a quatorze milhões de hectares, garantirá a solução do problema por simples exclusão: definidos os limites da reserva, os garimpeiros que estiverem fora da área deverão prosseguir suas atividades. Os que estiverem dentro, serão obrigados a sair.

Com este trabalho que vem sendo executado por técnicos da Funai, do Exército, do Governo do Território de Roraima e do Conselho de Segurança Nacional — que garante os recursos, através do Projeto Calha Norte para a demarcação da área Yanomami — muita coisa vem sendo descoberta: até mesmo um grupo de índios Yanomami ainda não contactados anteriormente, e muitas malocas abandonadas pelos índios. Das 80 malocas indígenas estimadas na área, 48 já foram levantadas. Oresticenos, porém, vêm encontrando sérios problemas devido à presença dos garimpeiros na área indígena.

subindo o rio Couto Magalhães, levando doenças aos índios. Em algumas malocas, metade da população já foi atingida pela malária e morreu. A malária que corre no sangue dos garimpeiros faz suas vítimas através dos mosquitos que os picam e depois picam os índios.

"Os coitados estão apavorados", comenta o chefe de posto da Funai no Surucucu, Francisco Bezerra de Lima. "Estão implorando ajuda, com medo dos garimpeiros, com medo de morrer. Eles acham que os garimpeiros vão matá-los, como fizeram em agosto do ano passado. Que eu saiba, devido à doença, pelo menos 50 índios morreram na área Yanomami desde a chegada dos garimpeiros".

A subida dos garimpeiros pelo Couto Magalhães também já levou ao desaparecimento de índios. Correm histórias de mulheres e crianças Yanomami raptadas por garimpeiros que, segundo as estimativas do chefe de posto da Funai, já estão a menos de sete quilômetros da fronteira com a Venezuela.

Um oficial de órgão de segurança, que participou da operação de retirada dos garimpeiros em setembro último, também demonstrou sua preocupação. "Eles contam com rações de excelente qualidade, com carne liofilizada, melhor, até, do que as que o Exército recebe. Acho que adquirem isso no sul do País, destas fábricas de vendem para o exterior. O governo brasileiro precisa ficar atento e tomar medidas sérias e coordenadas sobre esta questão do garimpo", disse.

Em sua opinião, a invasão da área indígena somente se resolverá com a delimitação da área Yanomami definitivamente, e com ação conjunta do governo federal sob um comando único — qualquer coisa nos moldes do Gétai. "Há muita terra para ser garimpada e a coragem deste homem que entram na selva sem sequer uma bússola é louvável, mas é preciso que o governo discipline a questão, definindo as áreas onde se pode garimpar e fazendo com que a área indígena seja esvaziada de garimpeiros".

O oficial dá mostras de preocupação com o esbulho pelo qual passa a Nação. "Do jeito que a coisa vai, quilos e quilos de ouro são retirados diariamente da área dos Yanomami sem que o governo tenha o menor controle. O País está perdendo e o Território de Roraima também. A própria população, que poderia se beneficiar do recolhimento dos impostos sobre o ouro é quem sai mais prejudicada".

Ele denuncia ainda a presença de muita gente importante metida no negócio do garimpo. "Há três tipos de pessoas que entram neste jogo. Os empresários, os aventureiros e os garimpeiros profissionais. Os últimos são os profissionais de garimpo, que já passaram por diversas áreas. Os aventureiros são os próprios moradores de Boa Vista ou das proximidades que vão tentar a sorte. Podem "bamburrar" ou não. Mas sempre têm para onde voltar. E os piores são os empresários do garimpo, exploradores. Entre eles, há muita gente graúdo, não só de Roraima".

Entre a ambição pelo ouro, a política dentro do Território de Roraima e as grandes quantias de dinheiro envolvidas nas operações de garimpo, ficam os índios Yanomami. Acuada com o medo, eles atiram todas as suas esperanças em direção à Funai que precisa demarcar suas terras ainda este ano e definir uma proposta governamental de retirada dos garimpeiros. Urgentemente.

porém, é alarmante. Muito próximo da fronteira com a Venezuela, correm o risco de adentrar em território venezuelano. A Guarda Nacional da Venezuela efetua constantes sobrevôos perto de sua fronteira e há até mesmo o temor de um incidente internacional entre Brasil e Venezuela.

O lançamento de mantimentos para os garimpeiros — apesar de proibido — é garantido. Muito embora os aviões não possam legalmente voar sem portas, um Skywagon 180, por exemplo, pode levar até 400 quilos de gêneros alimentícios para os garimpeiros, embalados em sacos plásticos, que são atirados para os homens em terra. É a mais lucrativa atividade implantada na região, favorecida por mais de uma centena de pistas de pouso clandestinas existentes em Roraima. Uma carga desta vale, pelo menos, 200 gramas de ouro.

Os aviões não partem de Boa Vista sem atenderem

Santos, teme ainda a proximidade do inverno.

"Tenho certeza de que, com a chegada do inverno, entre abril e maio, se este problema não estiver resolvido, haverá uma grande incidência de doenças nesta região", comenta. O chefe de Posto reclama ainda da situação precária a que se viram relegados os índios: as roças estão paralisadas, a caça está se acabando e os índios estão com medo, muito medo da presença dos garimpeiros.

Eles sempre se recordam das mortes ocorridas em agosto de 87, quando quatro Yanomami foram assassinados a tiros por garimpeiros na área do Mucajai. O crime levou a uma operação militar, envolvendo a Força Aérea Brasileira e o Batalhão Especial de Fronteira do Exército que retirou da área mais de 500 garimpeiros após três meses seguidos de trabalho árduo no meio da selva tropical.

E uma situação que o superintendente da Polícia Federal também vê com apreensão. Dispondo de apenas 23 agentes, a Federal não tem condições de manter um policiamento na área. "Mas, se eu tivesse mais 10 homens e dois delegados, além de apoio aéreo, resolvia isso rapidamente", garante Daniel Norberto.

Em sua opinião, as alegações de que a retirada dos garimpeiros da área Yanomami levariam a um grave problema de ordem social em Boa Vista são improcedentes. "A maioria dos garimpeiros não é daqui. Portanto, após serem retirados, eles não de voltar para onde vieram", comenta. Norberto volta-se, ainda, com a atividade de políticos que está envolvido com o garimpo, incentivando a invasão de áreas indígenas e tentando colocar um posto de abastecimento de combustível para aeronaves em seu município.

Enquanto no Paa-Piú a situação agrava-se a cada dia, mais ao norte, na área da serra do Surucucu a situação é bem diversa. Com um posto indígena da Funai bem aparelhado, um Pelotão de Fronteira do Exército sendo implantado pelo Projeto Calha Norte, e um trabalho de levantamento sócio-econômico e fundiário sobre os índios Yanomami seguindo a pleno vapor, o ambiente é de completa tranqüilidade.

Dois helicópteros Esquilo da FAB dão o suporte aéreo para os 14 homens que ali se encontram decididos a completar seu trabalho o mais rapidamente possível. Eles sabem que é da presteza e da acuidade



Lima, chefe do Posto Surucucu: Os índios estão apavorados, implorando ajuda com medo dos garimpeiros. Pelo menos 50 índios já morreram

às normas do controle de tráfego aéreo. Mas, das pistas clandestinas, tudo que pode ser transportado por uma aeronave segue viagem rumo aos garimpos. Inclusive máquinas para auxiliar a retirada do ouro. Eles têm apoio, ainda que velado, do próprio governo de Roraima.

São estas máquinas, instaladas na beira dos rios, que poluem a água utilizada pelos índios Yanomami. Antes cristalinas, as águas do regato que serve à maloca dos índios no Paa-Piú é hoje um líquido viscoso, barrento, impróprio para o consumo.

O tuxaua Brito Yanomami não gosta dos garimpeiros na área. Não quer que eles pousem no Paa-Piú. Os garimpeiros passam muito próximo de sua maloca, constrangendo as mulheres que sequer podem sair da proteção da maloca. E o chefe de Posto da Funai na área, Gonçalo Teixeira dos

políticos que está envolvido com o garimpo, incentivando a invasão de áreas indígenas e tentando colocar um posto de abastecimento de combustível para aeronaves em seu município.

Enquanto no Paa-Piú a situação agrava-se a cada dia, mais ao norte, na área da serra do Surucucu a situação é bem diversa. Com um posto indígena da Funai bem aparelhado, um Pelotão de Fronteira do Exército sendo implantado pelo Projeto Calha Norte, e um trabalho de levantamento sócio-econômico e fundiário sobre os índios Yanomami seguindo a pleno vapor, o ambiente é de completa tranqüilidade.

Dois helicópteros Esquilo da FAB dão o suporte aéreo para os 14 homens que ali se encontram decididos a completar seu trabalho o mais rapidamente possível. Eles sabem que é da presteza e da acuidade



Polícia revistam pertences dos garimpeiros à procura de armas

Ofertas válidas até 30 de março/88

Organização Chave
Combatendo a Inflação

DECORSHOPPING
W/2 514 SUL
244-1085

Retorno imediato

Tapetes e Carpetes
a partir de Cz\$ 520, p/m²

Carfécia e Aconchego colocado

Sua casa merece

4 pagamentos s/ juros

Prisofornica
O sofá mais vendido
Cz\$ 1.850, p/m²

ENTREGA

3 pagamentos s/ juros

Pequeno Cz\$ 2.000, instalado.
Grande Cz\$ 2.500, instalado.

Panela lona pintada molivo criança.

Seu dilema não faça opção por nós.

Vitaminsol O prático 850 p/m² colocado

Orçamento grátis 244-1085

O preço será mantido enquanto houver estoque.